

Caminhada Urbana e Viva Rua: a extensão como crítica ao espaço público e subsídio à pesquisa e ao ensino em Arquitetura e Urbanismo

Urban Walk and Enjoy Street: the extension as critical to public space and subsidy to research and teaching in Architecture and Urbanism

Paseo Urbano y Viva Calle: la extensión como crítica para el espacio público y otorga a la investigación y la docencia en Arquitectura y Urbanismo

GABRIEL, Letícia de Castro

Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (PGAU/UFSC), Arquiteta e Urbanista (UFSM), Professora Assistente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Cachoeira do Sul (CAU/UFSM-CS), leticia.gabriel@ufsm.br

PIPPI, Luis Guilherme Aita

PhD em Philosophy - Design (NCSU|Raleigh, EUA). Mestre em Arquitetura e Urbanismo (POSARQ/UFSC), Arquiteto e Urbanista (UniRitter), Professor Adjunto do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (CAU/UFSM), guiamy@hotmail.com

DURLO, Letícia

Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (CAU/UFSM), leticiadurloc@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta as realizações do projeto de extensão 'Caminhadas Urbanas: patrimônio material e paisagem urbana', o qual pretende identificar e ampliar as percepções e apropriações dos cidadãos com relação ao centro de Santa Maria/RS. A partir da promoção de caminhadas urbanas e de intervenções temporárias, busca-se oportunizar a comunidade (re)conhecer a paisagem urbana, e oferecer ao cidadão a construção de novos olhares sobre os espaços urbanos, ampliando a sua vivência e repertório quanto às potencialidades inerentes a edificações patrimoniais e/ou espaços livres. A '1 Caminhada Urbana', realizada em 7/Junho/2014, permitiu coletar as percepções dos participantes tanto por eles verbalizadas quanto deixadas por escrito em painéis. Os pontos descritos como "agradáveis" foram o caminhar, conhecer melhor a cidade e notar o que passa despercebido. Já os que "incomodam", o descaso, a má conservação do patrimônio e a poluição visual. Estas percepções nortearam a promoção, em 29/Novembro/2014, do 'Viva Rua Astrogildo de Azevedo', ação experimental que consistiu na disposição de paletes em vagas de estacionamento, alterando, por um período, a ambiência da via. O objetivo foi ampliar o espaço para o caminhar e o permanecer do pedestre bem como desvelar o patrimônio em muito ocultado pela poluição visual, descaracterizações estilísticas e demolições. Cabe-nos, enquanto instituição pública de ensino superior, contribuir para a aproximação dos usuários com o espaço urbano, para o ensino-aprendizagem dos acadêmicos de arquitetura e urbanismo e, também, apontar para uma possível corresponsabilidade entre comunidade, planejadores ou projetistas e poder público pelo desenvolvimento urbano e gestão futura da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: caminhada urbana; viva rua; intervenção urbana; ação efêmera.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

ABSTRACT

This paper presents the extension project achievements 'Urban Walks: heritage materials and urban landscape', which aims to identify and expand perceptions and appropriations of city regarding downtown Santa Maria / RS. From the promotion of urban hiking and temporary interventions, it seeks to create opportunities for community (re) know the urban landscape, and offer the city the construction of new perspectives on urban spaces, expanding his experience and repertoire as the inherent potential the heritage buildings and / or open spaces. The 'First Urban Walk', held on 7 / June / 2014, allowed to collect the perceptions of participants both verbalized as they left written on panels. The points described as "nice" were walking, get to know the city and notice what goes unnoticed. But those who "bother" the neglect, poor conservation of heritage and visual pollution. These insights guided the promotion, 29 / November / 2014's 'Astrogildo de Azevedo Enjoy Street' experimental action that consisted of the disposal of pallets parking spaces, changing, for a period, the track ambience. The objective was to expand opportunities for walking and remain pedestrian and uncover hidden equity in much the visual pollution, stylistic-characterization and demolition. It was up to us, as a public institution of higher education, contributing to the approach of users with the urban space, to the teaching and learning of architecture and urbanism and academics also point to a possible responsibility among community planners or designers and power public urban development and future management of the city.

KEY-WORDS: urban walk; live street; urban intervention; ephemeral action.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de los proyectos de extensión 'Paseo Urbano: materiales del patrimonio y el paisaje urbano', cuyo objetivo es identificar y ampliar las percepciones y de los créditos de la ciudad en relación con el centro de Santa Maria / RS. De la promoción de senderismo urbano e intervenciones temporales, se busca crear oportunidades para la comunidad (re) conocer el paisaje urbano, y ofrecer a la ciudad la construcción de nuevas perspectivas sobre los espacios urbanos, ampliando su experiencia y repertorio como el potencial inherente los edificios patrimoniales y / o espacios abiertos. El 'Primero Paseo Urbano', celebrado el 7 / junio / 2014 permitió recoger las percepciones de los participantes tanto verbalizado cuando salían de escritos en los paneles. Los puntos que se describen como "agradable" estaban caminando, llegar a conocer la ciudad y notar lo que pasa desapercibido. Pero aquellos que "molesta" la negligencia, la mala conservación del patrimonio y la contaminación visual. Estas ideas guiaron la promoción, 29 / Noviembre / 2014 de la acción experimental 'Viva Calle Astrogildo de Azevedo' que consistió en la eliminación de plazas de aparcamiento paletas, cambiando, por un período, el ambiente pista. El objetivo era ampliar las oportunidades para caminar y permanecer de peatones y descubrir el patrimonio oculto casi de la contaminación visual, estilístico-caracterización y demolición. Fue hasta nosotros, como institución pública de educación superior, lo que contribuye al acercamiento de los usuarios con el espacio urbano, a la enseñanza y el aprendizaje de la arquitectura y el urbanismo y académicos también apuntan a una posible responsabilidad entre los planificadores de la comunidad o los diseñadores y el poder el desarrollo urbano y la futura gestión pública de la ciudad.

PALABRAS-CLAVE: paseo urbano; viva calle; intervención urbana; acción efímera.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a figura do automóvel, enquanto transporte individual, toma para si uma parcela considerável do espaço urbano. Por outro lado, o planejamento urbano se ocupa, cada vez mais, com questões de fluidez garantida por uma mobilidade coletiva e/ou alternativa. Nesse sentido, a prática de caminhar vem a ser um modo de deslocar-se, de ocupar e de reclamar a cidade. O tempo, na escala do pedestre, deixa de ser o acelerado e entra em ação o cotidiano, ou seja, aquele

tempo lento das vivências, do convívio, da conversa, do lazer, do contato visual, lúdico e corporal, do encontro com as diferenças e os diferentes.

É fato que a Arquitetura e o Urbanismo, incluso o Paisagismo, como arte e ciência cujos campos são multidisciplinares, por acompanharem os processos de produção e gestão dos ambientes urbanos, apresentam-se “dispostos” a compreender a vida urbana, a qual se transforma e recria-se constantemente. A partir desta premissa, atividades de cunho extensionista tendem a aproximar-se deste estado da arte, ou seja, de iniciativas realizadas com o intuito de dialogar com os praticantes ordinários das cidades, aqueles que verdadeiramente as utilizam, as reclamam porque vivenciam os seus problemas, por elas se deslocam, desenvolvem laços identitários e de pertencimento, associam valores e sentidos, constituindo-as e por elas sendo constituídos. É neste sentido que nos inspiramos no *Jane’s Walk*, um movimento mundial inspirado no legado de Jane Jacobs. Trata-se de caminhadas, realizadas anualmente na primeira semana do mês maio, que procuram levar as pessoas a explorar localmente as suas cidades e, ainda, aproximar vizinhos.

Este projeto de extensão, denominado ‘Caminhadas Urbanas: patrimônio material e paisagem urbana’, integra-se ao projeto de pesquisa ‘Caminhadas Urbanas: investigação e intervenção’, pelo subsídio de informações para apreender as dinâmicas de apropriação do espaço urbano a partir da utilização de metodologias de autores renomados, tais como William Whyte (1968; 1980) e Jan Gehl (1987; 2008; 2010). E atua também, pelo caráter pragmático e de contato com a comunidade característicos das atividades de extensão, no ensino junto ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria (CAU-UFSM). O fato de apreender o espaço urbano constitui-se em um meio de experimentação sensorial, o que tende a contribuir para o aprendizado da percepção do estudante de arquitetura e urbanismo, algo que este irá aprimorar quando no ensino junto aos ateliês de projeto.

Por entender a atualidade do tema relacionado ao estreitamento do vínculo entre cidade e pedestre, e a importância do vínculo entre usuários e a conformação e o uso dos espaços urbanos, o ponto de partida das realizações deste projeto de extensão veio a ser o caminhar. Considerando que a experiência de movimentar-se pelos/nos espaços urbanos pode nos revelar a interdependência que há entre apropriação social e atributos formais, funcionais, estéticos e ambientais, a partir da realização de caminhadas urbanas e de intervenções temporárias, buscou-se identificar e ampliar as percepções e apropriações dos cidadãos com relação à paisagem urbana, na figura dos patrimônios edificados e dos espaços livres, do bairro centro de Santa Maria/RS.

Especificamente, o projeto de extensão aqui apresentado compreende atuar nos espaços livres de edificação de Santa Maria, tais como: praças, parques, ruas (inclusive canteiros e calçadas), campi universitários, terrenos baldios e/ou estruturas urbanas ociosas, áreas de preservação permanente (APPs) e de conservação natural (ACNs); e nos espaços patrimoniais edificados, tais como: arquitetura eclética, art déco, modernista e contemporânea.

Tomando Santa Maria, e seus habitantes, como objeto de estudo, de antemão nos é latente a falta de diálogo/proximidade entre comunidade e órgãos públicos no que se refere ao planejamento e gestão urbana. Isto porque cientes das condições do patrimônio material e dos espaços livres verificadas na cidade e da necessidade de entender para atuar no espaço urbano contemporâneo, as ações aqui apresentadas – I Caminhada Urbana e Viva Rua Astrogildo de Azevedo – pretenderam reivindicar a cidade, tanto por conhecê-la porque apreendendo-a e percebendo-a, quanto pela ocupação crítica dos seus espaços mediante a constatação de carências, necessidades e atualizações.

2 AÇÕES E RESULTADOS

I Caminhada Urbana

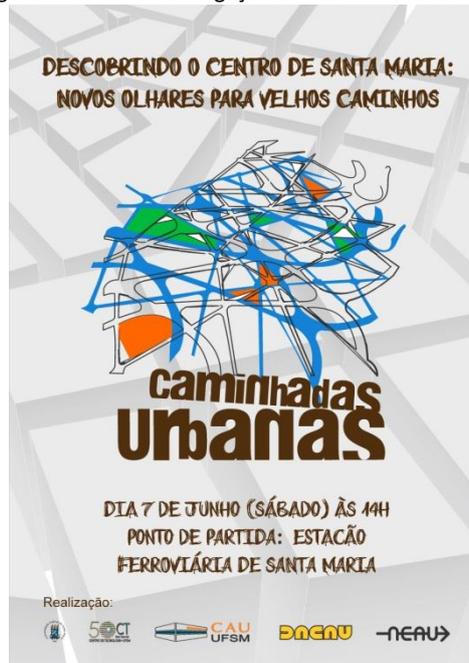
Para realizar a I Caminhada Urbana, inicialmente organizou-se uma equipe de trabalho que passou a ter reuniões semanais periódicas para discutir sobre o projeto, buscar informações, decidir futuras ações, dividir tarefas e trocar conhecimentos. Após algumas reuniões, decidiu-se pelo trajeto a ser percorrido neste primeiro evento do projeto extensionista. Para cada trecho do percurso planejou-se um grupo de trabalho que avaliou, registrou – através de fotografias e vídeos – as partes mais importantes e/ou atrativas em termos da memória urbana, do patrimônio histórico-cultural, da arquitetura e do paisagismo. A partir desse registro desenvolveram-se painéis e tabelas a fim de auxiliar cada grupo a fazer anotações dos comentários (relativos a sensações e percepções) proferidos pelos cidadãos que participaram da caminhada.

Ainda nessa fase, foram determinados pontos do trajeto onde seriam feitas “paradas” ou pausas a fim de contar brevemente sobre peculiaridades e/ou curiosidades de determinados locais ou edificações, citando, ainda, trechos de textos que remetessem ao pensar criticamente a cidade – dentre eles Ítalo Calvino (2003) e Jane Jacobs (2009). Assim, buscaram-se referências na historiografia local a fim de elaborar os textos lidos ou explanados durante essas “paradas”.

Para a prévia divulgação do evento, tivemos de nos comunicar com a comunidade santa-mariense.

Com essa finalidade, elaborou-se uma logomarca para o Caminhadas Urbanas bem como cartazes (Figura 1), vídeos e página nas redes sociais para despertar a curiosidade e convidar a comunidade a participar do primeiro evento proposto.

Figura 1: Cartaz de divulgação da I Caminhada Urbana



Fonte: Letícia Durlo e Mariane Farias, 2014.

Para ajudar na apreensão das percepções dos participantes durante a I Caminhada Urbana, confeccionaram-se cartazes com os seguintes questionamentos: "O que te agrada? Por quê?" e "O que te incomoda? Por quê?". Havia, nesses, espaço para que os participantes deixassem suas impressões pessoais dos envolvidos, suscitando, logo após um amplo debate.

A I Caminhada Urbana (Figura 2) aconteceu em 7/Junho/2014, das 14h às 18h, e contou com a presença de 53 participantes. Dentre o público presente, havia pessoas atreladas ao meio acadêmico – discentes e docentes – bem como um público sem pretensão acadêmica.

Figura 2: I Caminhada Urbana



Fonte: Letícia Durlo Coutinho e Luis Guilherme Aita Pippi, em 07/06/2014.

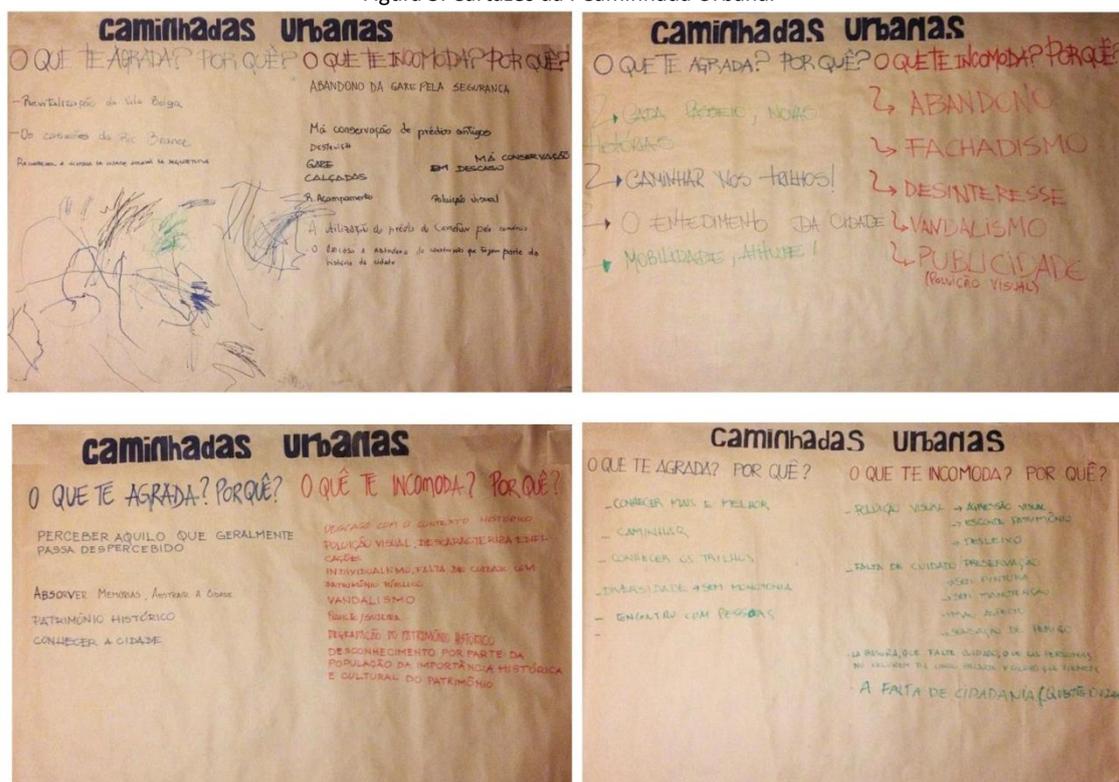
O percurso levou cerca de duas horas para ser concluído e seu itinerário foi: Largo da Gare/Estação Ferroviária de Santa Maria (ponto de saída e de chegada), Vila Belga, Avenida Rio Branco, Praça Saldanha Marinho, Rua do Acampamento, Rua Astrogildo de Azevedo, Parque Itaimbé, trilhos e, novamente, para o local de partida e de concentração dos participantes.

Ao longo do percurso e em cada “parada”, era possível perceber o envolvimento gradativo das pessoas com o propósito do evento, da mesma forma que ficou evidente a participação através do início de falas espontâneas e da discussão sobre a paisagem urbana. Também foi notório que os participantes não apenas caminhavam introspectivamente, mas interagiam entre si assim como com os espaços livres e edificados, percebendo-os, fazendo comentários e registrando-os.

Já o encerramento do evento se deu no ponto de partida da caminhada, no Largo da Gare/Estação Ferroviária de Santa Maria. Ainda ao fim, o percurso foi lembrado por meio dos cartazes disponibilizados pelos organizadores (Figura 3) e por um debate desencadeado durante um piquenique coletivo proposto para incentivar a confraternização.

Para concluir a I Caminhada Urbana, a equipe se reuniu numa outra oportunidade. O evento foi analisado a partir de uma síntese qualitativa das principais citações, tanto contidas nos cartazes quanto verbalizadas pelos participantes.

Figura 3: Cartazes da I Caminhada Urbana.



Fonte: Letícia Durlo Coutinho e Mariane Farias, 2014.

Sobre a apreensão da percepção dos participantes, a equipe de trabalho organizou os aspectos citados relativos ora sobre o espaço livre, ora sobre o edificado, associando-os a palavras de cunho positivo ou negativo.

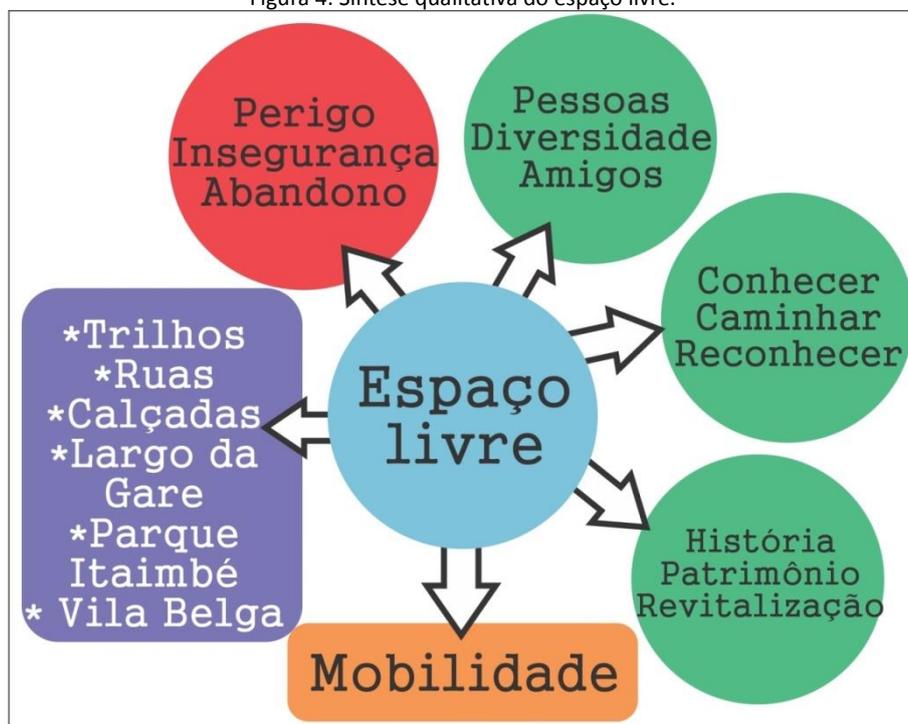
Relativo ao espaço livre (Figura 4), os majoritariamente apontados foram relacionados a aspectos tidos como positivos pelas pessoas, tais como caminhar, conhecer, reconhecer o que passa despercebido e o quão aprazível poderia ser experimentar a diversidade, seja encontrando pessoas, fazendo amigos ou sendo despreziosamente surpreendidos enquanto deslocando-se por distintas ambiências urbanas.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figura 4: Síntese qualitativa do espaço livre.



Fonte: Letícia Castro Gabriel e Mariane Farias, 2014.

Para designar lugares “incômodos”, os participantes da I Caminhada Urbana elencaram as ruas, as calçadas e o Largo da Gare provavelmente pela precariedade dos seus estados de conservação, encontrando-se, em sua maioria, deteriorados. Ao passo que para indicar espaços que entendidos como “agradáveis”, foram citados, sobretudo, os trilhos, a Vila Belga e o Parque Itaimbé por representarem opções de caminhos a serem descobertos e/ou melhor aproveitados.

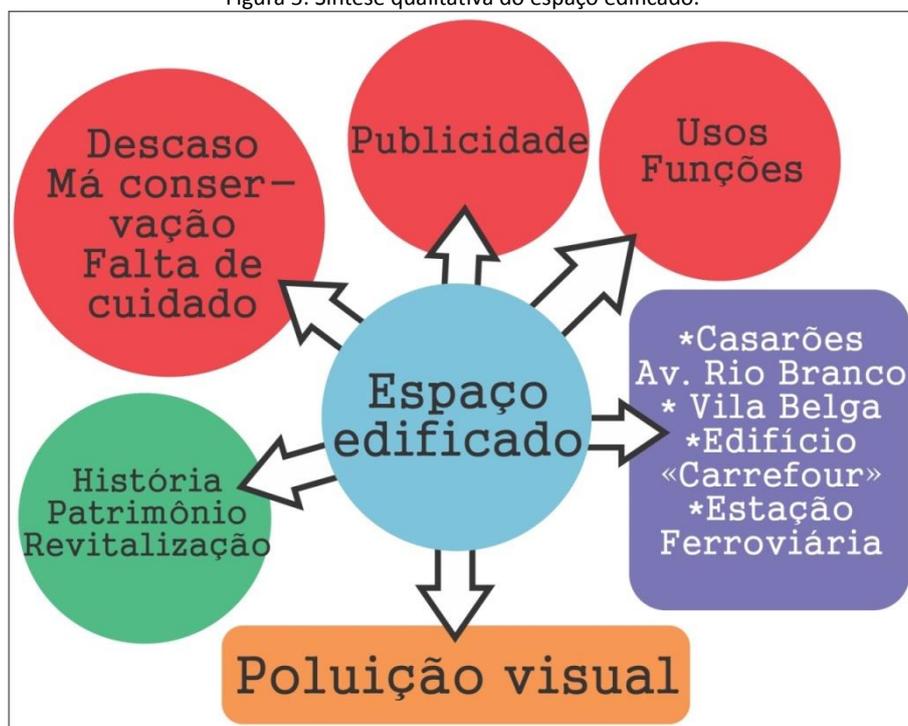
Infere-se que a relação extraída da experiência das pessoas com os espaços livres sinaliza uma vontade ou intenção de acessá-los mais frequentemente, de vivenciá-los e/ou de utilizados. Pode-se, ainda, sobrepor estas percepções à memória impregnada nesses lugares. Afinal o patrimônio cultural apareceu indicado como um indício de reconhecimento da história e da expectativa de sua revitalização a fim de reverter aquelas atribuições tidas como negativas. Dentre elas, tanto a insatisfação com o abandono que, por exemplo, a desfuncionalização da estrutura urbana ligada ao transporte ferroviário acarretou, quanto o descaso do poder público com a manutenção do Parque Itaimbé, o qual foi considerado sucateado e marginalizado, afastando as pessoas em geral de frequentá-lo.

Sob o mesmo ponto de vista, os participantes expressaram-se em relação a sua insatisfação pela falta de democratização dos espaços livres, afirmando que o principal espaço público de utilização na

cidade reduzia-se ao Calçadão Salvador Isaia. Indagações a respeito de estratégias de revitalização de lugares/locais com grande potencial para atrair a população também estiveram na pauta das discussões. E da mesma forma que a caminhada despertou interesse do público mais jovem por oportunizar conhecer a cidade, foi um fator a desencadear uma série de recordações daqueles que utilizavam os espaços livres os quais hoje não oferecem as mesmas funções de outrora.

Quanto ao espaço edificado (Figura 5), o abandono, o descaso e a má conservação foram associados à insatisfação. Segundo os participantes, trata-se de uma perda para o (re)conhecimento da história pelos moradores, da mesma forma que apresenta uma relação direta com a falta de segurança e o perigo.

Figura 5: Síntese qualitativa do espaço edificado.



Fonte: Letícia Castro Gabriel e Mariane Farias, 2014.

A Vila Belga mostrou-se bastante presente no espaço de debate pela sua importância histórica para a cidade, no entanto, questionou-se uma possível incompatibilidade entre o potencial turístico e o seu uso somente residencial. Da mesma forma, o Edifício do Supermercado Carrefour, tombado como patrimônio, foi apontado em virtude da sua atual função comercial em detrimento de um aproveitamento sociocultural. Contestou-se o papel dos grandes centros de compras, bem como a transferência de características dos espaços livres como ruas e praças, para a área interna dos

shoppings. Pois isso representa uma alternativa às funções que caberiam ao espaço público.

Alguns locais em específico, como os casarões da Avenida Rio Branco, Vila Belga e a Estação Ferroviária foram mencionados como pontos agradáveis do percurso. Por outro lado, houve uma evidente insatisfação quanto à poluição visual. Esta, causada tanto pelas excessivas propagandas publicitárias, consideradas uma enorme agressão, escondendo o patrimônio e descaracteriza-o, quanto pelo abandono e falta de cuidado com edificações com potencial de uso.

Frente à síntese qualitativa das percepções, entendemos que para abordar todos os aspectos levantados pelos participantes, as palavras-chaves a nortear o desenrolar das demais etapas foram: mobilidade para espaço livre e poluição visual para espaço edificado.

Viva Rua Astrogildo de Azevedo

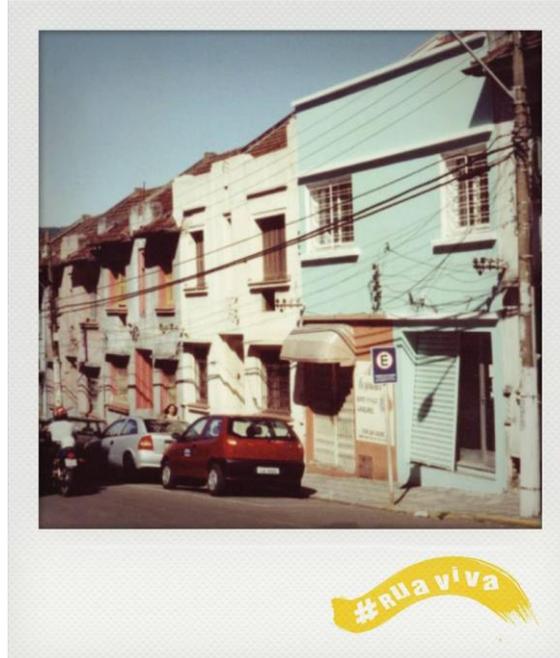
Conforme previsto pelo projeto de extensão, a síntese qualitativa das percepções decorrente da promoção da I Caminhada Urbana norteou uma intervenção urbana. A linha de raciocínio estabelecida para a seguinte etapa de ação interpôs o deslocamento peatonal pela cidade ou a prioridade conferida ao pedestre, assim como certa ineficiência do poder público em atuar e/ou gerir a paisagem urbana, sobretudo, conforme as imposições de degradação ocasionadas pelo tempo, e as alterações que o desenvolvimento econômico implacavelmente impõe.

Visto essas conclusões, a equipe de trabalho definiu como local para a intervenção a rua Astrogildo de Azevedo, no trecho compreendido entre as ruas do Acampamento e Riachuelo, minuciosamente escolhido porque integrante do percurso da I Caminhada e local de passagem de pedestres que chegam ao centro de Santa Maria por desembarcarem em um ponto de ônibus próximo. Visto o significativo trânsito de pessoas no restrito espaço de calçada a eles destinado *versus* a paisagem urbana predominantemente “ocupada” por veículos particulares, placas de publicidade e de sinalização, postes e fios de iluminação pública, ali foi possível abordar a questão da mobilidade e patrimonial.

A partir de uma intervenção denominada “Viva Rua”, a qual consistiu em ocupar as vagas de estacionamento temporariamente, destinando-as ao uso exclusivo das pessoas e, portanto, ampliando o espaço público destinado ao caminhar e/ou ao estar. Ainda, apontou-se ludicamente para a poluição visual atual a partir da distribuição de fotos antigas do conjunto de casas operárias geminadas em estilo Art Déco as quais vêm sendo, ao longo dos anos, constantemente descaracterizadas (Figura 6). As imagens, no formato 8 x 9,5cm, foram coladas sobre as fachadas das

residências com o intuito de que pudessem ser levadas por quem ali passasse.

Figura 6: Fotografia antiga reproduzida para o Viva Rua.



Fonte: Letícia Durlo Coutinho e Bibiana Silveira, 2014.

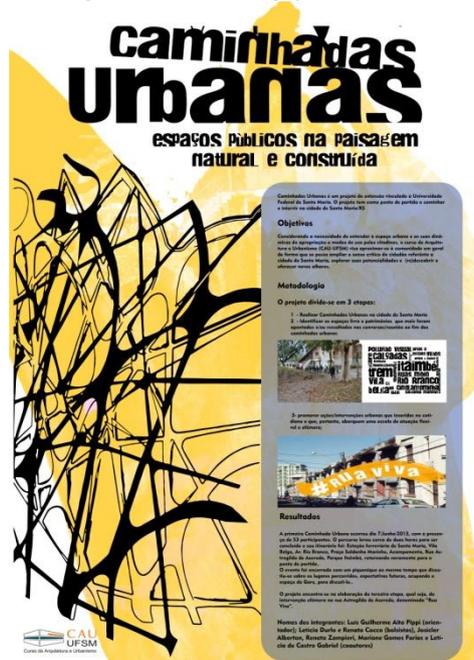
Num primeiro momento, a logística de trabalho passou por acionar as instâncias públicas, visto ser um evento o qual dependia de segurança, sobretudo no trânsito, e na garantia das vagas do estacionamento rotativo à ação sem cobranças e/ou demais implicações. Todo o trecho foi medido, as vagas contabilizadas (utilizou-se as de uso geral, excluindo as de carga/descarga, de idosos e de deficientes físicos) e um leiaute foi proposto e amplamente discutido pelos organizadores, desde os materiais a serem utilizados bem como as atividades a serem realizadas.

Optou-se por estabelecer uma parceria com o Colégio Politécnico da UFSM para que se obtivessem mudas de vegetação arbustiva e ornamental bem como paletes e bancos em madeira, estes responsáveis por alterar substancialmente a ambiência da rua. Estudou-se a melhor disposição destes materiais, complementando-os com EVA's para forração do piso, balões e cadeiras, bem como o zoneamento para a oferta de estares, realização de atividades de leitura (livros/revistas estavam à disposição até mesmo para que os participantes os levassem), música e pintura, bem como para uma instalação de arte a cargo do artista visual Elias Maroso.

Também contando com a prévia divulgação do evento (Figura 7), o Viva Rua Astrogildo de Azevedo (Figura 8) aconteceu em 29/Novembro/2014, das 10h às 15h (isso sem contabilizar o tempo de

montagem/desmontagem da estrutura). Não foi possível computar os participantes envolvidos visto a “abertura” a cada transeunte, desde uma rápida parada para compreender o que se passava, para observar as fotografias coladas sobre as fachadas do conjunto de casas geminadas até o “adentrar” nas vagas vivas para um período de convívio/trocas.

Figura 7: Cartaz divulgação Viva Rua.



Fonte: Letícia Durlo, 2014.

De um modo geral, o Viva Rua por si só pretendia concluir a I Caminhada Urbana. Por isso, a equipe organizadora entrou em contato com participantes daquele evento, mediante email, para que presenciassem as suas impressões de fato resultando em uma ação prática de apropriação e de crítica pela cidade.

Não obstante, um significativo número de passantes foi afetado pela intervenção efêmera ao interagir com outros usos e pessoas, isto para além da mera “posse” do automóvel inanimado enquanto estacionado junto à rua. Portanto, a qualidade da vida pública também pode ser dependente, tal qual o Viva Rua, de soluções criativas e colaborativas, de baixo custo e a curto prazo.

Figura 8: Viva Rua Astrogildo de Azevedo.



Fonte: Luis Guilherme Aita Pippi, em 29/11/2014.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da I Caminhada Urbana e do Viva Rua, os resultados depreendidos nos permitem concluir que as suas promoções oportunizaram o (re)conhecimento crítico da paisagem urbana. Inferimos, ainda, que a relação extraída da experiência das pessoas com os espaços livres e o patrimônio material sinaliza uma vontade ou intenção de acessá-los mais frequentemente, de vivenciá-los e/ou de efetivamente utilizá-los. Os dois momentos de atuação, caminhar e intervir, buscaram compreender a relação das pessoas com a cidade ao constatar o que era percebido como falta, potencial e/ou reclame. Então, atuou-se de um modo prático, expresso no Viva Rua.

Tomando Santa Maria/RS como “suporte” de estudo/ações, pareceu-nos latente, sobretudo após a I Caminhada Urbana, a falta de diálogo/proximidade entre comunidade e órgãos públicos no que se refere ao planejamento e gestão urbana. E justamente pela falta de maior participação/colaboração popular, os ambientes urbanos não se mostram devidamente apropriados, explorados no amplo leque de suas potencialidades arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas, nem mesmo capazes de atender às necessidades mais essenciais dos cidadãos santa-marienses.

Neste sentido o Viva Rua Astrogildo de Azevedo pretendeu questionar a falta de manutenção e de realizações projetuais ao longo dos anos, sobretudo considerando a revisão das necessidades programáticas, nos espaços públicos, bem como de reinserção patrimonial, em especial de utilização para fins culturais e para além do tombamento individual e/ou às vezes indiferente à noção de conjunto urbano a marcar a historicidade de certa época.

O projeto de extensão 'Caminhadas Urbanas: patrimônio material e paisagem urbana', aqui apresentado ainda em suas primeiras realizações, também visou suscitar discussões a respeito da necessidade de atualizar a prática de projeto e de intervenção urbano-paisagística, normalmente tão "monopolizada" pelo Estado, tornando-a mais dependente da participação criativa e colaborativa por parte da população.

4 AGRADECIMENTOS

Às professoras Josicler Orbem Alberton, Ana Paula Nogueira e Renata Zampieri. Aos acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo Andressa Campos Osório, Cristiane Medina Almeida, Lauren Destri Gomes, Maria Antonella Aranda Avila, Mariane Gomes Farias, Michelle Stürmer Vidal e Renata Michelin Cocco (UFSM, ULBRA e UNIFRA). À designer Bibiana Silveira, ao artista visual Elias Maroso. Ao Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), núcleo Santa Maria e à Prefeitura Municipal de Santa Maria.

5 REFERÊNCIAS

BELÉM, J. História do Município de Santa Maria. Santa Maria: Edições UFSM, 1989.

CALVINO, I. As cidades invisíveis. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FLÔRES, J. Fragmentos da história ferroviária brasileira e rio-grandense: fontes documentais, principais ferrovias, Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), Santa Maria, a "Cidade Ferroviária". Santa Maria: Editora Pallotti, 2007.

_____. Os trabalhadores da V.F.R.G.S: profissão, mutualismo, cooperativismo. Santa Maria: Pallotti, 2008.

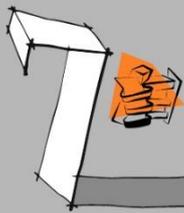
_____. O pragmatismo político dos ferroviários sul-rio-grandenses: com foco histórico na cidade de Santa Maria. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2009.

GEHL, J. *Life Between Buildings: Using Public Space*. 3 ed. New York: Van Nostrand Reinhold Company Inc., 1987.

_____. *Lively, Attractive and Safety Cities – But How?* In: Hass, T. *New Urbanism and Beyond: Designing Cities for the Future*. New York: Rizzoli International, 2008 [pp.106-108].

_____. *Cities for People*. Washington, DC: Island Press, 2010.

GEHL, J.; GEMZOE, L. *Public Spaces – Public Life*. Copenhagen: The Danish Architectural Press, 1996.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

JACQUES, P. Elogio aos errantes: breve histórico das errâncias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 053.04, Vitruvius, out. 2004 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>>.

MARCHIORI, J.; NOAL FILHO, V. (Org.). Santa Maria: relatos e impressões de viagens. Santa Maria: Ed. UFSM, 1997.

MARCHIORI, J.; MACHADO, P.; NOAL FILHO, V. (Org.). Do céu de Santa Maria. Santa Maria: Prefeitura Municipal de Santa Maria, 2008.

PENTER, P. Conteúdos do ensino de introdução à concepção arquitetônica: uma cartografia. 2008. 211f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SCHLEE, A. Obras fundamentais da Arquitetura Moderna em Santa Maria. In: V Encontro de Teoria e História da Arquitetura do Rio Grande do Sul. *Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis*. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.

WHYTE, W. *The Social Life of Small Urban Spaces*. New York: Project for Public Spaces (PPS), 1980.